

Na despedida, os derrotados já planejam a volta ao palco político

RENATA GIRALDI

A partir do dia 2 de fevereiro, o Congresso Nacional não será mais o mesmo. Pelo menos os personagens mudarão. Só da Câmara saem 271 deputados que não foram reeleitos e do Senado, outros 45 deixarão o Congresso. Uma renovação de mais de 50% dos congressistas. Mudança que afasta do cenário nacional muitos políticos históricos e alguns folclóricos. Sai o mais antigo parlamentar vivo do País, Nelson Carneiro (PP/RJ), que aos 84 anos de idade, fracassou nas urnas. Ex-ministro e ex-líder do Governo, Jarbas Passarinho (PPR/RJ) também ficará fora, no mínimo quatro anos. Assim como os folclóricos Ney Maranhão (PRN/PE), em suas sandálias, e Aureo Mello (PRN/AM) que tem horror a viajar de avião.

Mas não obter a vitória nas urnas não significa necessariamente que estes parlamentares estarão afastados da política. Muitos dos que foram derrotados nas eleições mal souberam do fracasso e já se prepararam para novos vãos. A corrida na disputa por cargos no segundo escalão do Governo, segundo alguns dos derrotados, têm reforço extra se a indicação vier de quem é próximo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Cotados para ocupar cargos que restam no Governo estão o mineiro Tarcísio Delgado (PMDB), Jonas Pinheiro (PTB-AP), César Dias (PMDB/RR), Nelson Wedekin (PDT/SC) e Mauro Benevides (PMDB/CE) entre outros. A norma geral entre os "candidatos" é obedecer a lei Fernando Henrique, mantendo o silêncio e negando sempre, até segunda ordem que esteja cotado para algum cargo. "Depois do dia 31, retomarei o meu posto de presidente do PMDB e se receber convites eu os lacre para abri-los só depois do dia 1º de fevereiro", afirmou o senador Mauro Benevides (PMDB/CE). "Sei que o presidente Fernando Henrique vê com bons olhos o meu nome", diz, seguro, um outro parlamentar.

Palanques — O objetivo agora, para muitos que saíram derrotados nas urnas em 94, é tentar palanques que os levem às prefeituras. O ex-ministro dos governos Itamar e Sar-



Benevides: retomarei meu posto

ney, Alufzio Alves (PMDB/RN) sonha em governar a sua cidade natal, Angicos (a 120 quilômetros de Natal). "Vou continuar lutando pela transposição das águas", adianta. Outro que sonha em ser prefeito e confessa que chora todos os dias por estar deixando a Câmara é José Lourenço (PFL/BA). "Vou tentar a prefeitura de Salvador: aquela cidade é fantástica, confidencia. Lourenço que afirma que o dia mais difícil para ele será o da despedida dos gabinetes.

Para Sandra Cavalcanti (PPR/RJ), com 35 anos de vida pública, o ideal é primeiro descansar e aproveitar a família, em seguida começar a trabalhar para as próximas eleições. "Posso até concorrer para a prefeitura, depende se eu verificar que há chances", admitiu Sandra Cavalcanti. Ela criticou o desgaste da vida parlamentar para quem tem dois domicílios.

Trocas — A próxima legislatura reserva trocas de plenários para certos parlamentares. Como o senador Affonso Camargo (PPR-PR) que deixa o Senado por uma vaga na Câmara. Ao contrário da petista

Benedita da Silva (RJ) que sai da Câmara para ocupar o Senado. O mineiro Tarcísio Delgado (PMDB) tentou mudar, mas abriu mão da vitória certa para Câmara ao vislumbrar o Senado. Já Luís Roberto Ponte (PMDB/RS) titular na atual legislatura, derrotado nas urnas, volta como suplente do ministro dos Transportes, Odacyr Klein. Marco Bacellar (PDT/MA) saiu do Senado para a Câmara.

As mudanças também surpreendem por algumas opções. O senador Jarbas Passarinho diz estar sofrendo mais por deixar o Senado do que por ter perdido as eleições no Pará. "É bem pior, nem se compara", confidencia. Passarinho afirma que ao candidatar-se ao governo paraense cumpria um dever cívico.

Enquanto isto, o senador Nelson Carneiro (PP/RJ), que perdeu a eleição e acusa os "traidores" como responsáveis, poderá ser o primeiro senador honorário do País. Fiéis administradores do ex-presidente do Congresso se mobilizam para tornar o desejo em realidade. (Tarcísio Holanda)